

RESUMOS MINICURSOS CENA VI

A FICÇÃO FANTÁSTICA DE ISAAC ASIMOV

Tamira Fernandes Pimenta (UFU/CAPES)

Quando pensamos em Ficção Científica vários nomes são lembrados devido as inúmeras produções existentes. No entanto, Isaac Asimov *O Bom Doutor* como era carinhosamente chamado por seus fãs, é um dos mais renomados e importantes escritores de ficção científica. Escreveu mais de 500 livros, explorou os limites entre o natural e o artificial, nos quais tramas variadas da ciência ganham destaque devido a composição de seres e espaços extraordinários. Em sua vasta obra, a *Trilogia da Fundação* e suas histórias de robôs são um convite a um passeio pelas maiores aventuras já criadas, em que o autor combina um trabalho minucioso de pesquisa com conflitos épicos, mistério e muita ação. Assim, faremos um breve percurso pelos espaços criados por Isaac Asimov e algumas temáticas muito trabalhadas pelo autor, passaremos por Trantor, veremos a criação das Três leis da Robótica, visitaremos Robbie para discutir o medo irracional que o homem possui dos autômatos e não deixaremos de fazer uma viagem no tempo para observar os experimentos em laboratórios, conflitos políticos e embarcar nessa ficção fantástica possuindo como companheiros Susan Calvin, Hari Seldon, Multivac, R. Giskard, Reventlov, Elijah Baley e Black Widowers que fazem parte das tramas inteligentes criadas pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Científica; Ficção Fantástica; Isaac Asimov.

ENTRE ALIENS, ROBÔS E MULTIVERSOS: UM APANHADO DA FICÇÃO CIENTÍFICA AO LONGO DOS SÉCULOS

Luma Maria Braga de Urzedo (GPEA)

Ana Clara Albuquerque Bertucci (Letras/UFU)

A ficção científica surgiu no século II, com Luciano de Samosata ou no século XIX, seja no início do século com Frankenstein de Mary Shelley ou um pouco mais tarde com Verne e Wells? Localizar as origens do gênero não é tarefa fácil mas uma coisa é certa: todos esses autores, e outros menos reconhecidos dentro do gênero (como Voltaire, Cyrano de Bergerac, Kepler, etc.), dizem muito sobre o que a ficção científica veio a se tornar no século XX quando alcançou o grande público e recebeu seu nome. E quanto a uma definição a ficção científica também é fugidia, dificilmente encontramos um ponto pacífico. Há das mais extensas, como aquelas que compreendem o gênero por suas temáticas e a partir disso criam-se listas de subcategorias que tendem sempre a aumentar, outras bastante enxutas, como a de Darko Suvin centrada no conceito de “*novum*” e, ainda, é possível pensar a ficção científica não como um gênero, mas parte de um modo fantástico.

Na verdade, muita dessa indefinição ao se discutir e estudar a ficção científica tem relação com o preconceito que a acompanhou por tanto tempo. Considerada uma literatura de massa ou um mero produto da cultura pop do século XX, esteve distante de estudos acadêmicos e prosperou nos meios *undergrounds*. Contudo, a ficção científica sempre centralizou em seus temas as expectativas e medos do homem frente ao desenvolvimento tecnológico bem como o conhecimento de nosso planeta e suas formas de vida, do cosmos e seus possíveis habitantes, levando, assim, o leitor a lançar um olhar singular para seu passado, presente e futuro (lembramos de Chklovski em “A arte como procedimento”) e hoje, felizmente, seu estudo tem se tornado cada vez mais expressivo. Nosso minicurso irá centrar-se na apresentação não apenas de uma linha do tempo, como o título talvez sugira, mas principalmente no quanto algumas obras de ficção científica se relacionaram com o humano e ainda hoje dizem muito sobre nós. Para isso teremos que ampliar nossos horizontes e, além dos clássicos (majoritariamente de língua inglesa), explorar obras de autores fora do cânone do gênero, como russos e latino-americanos. Discutiremos também os possíveis “pais” e “mães” supracitados para buscarmos a compreensão dessa expressão literária, bem como alguns posicionamentos teóricos como os de Adam Roberts, Darko Suvin, Roberto Belli, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção científica; “novum”; modo fantástico.

VIAGEM AO CENTRO DA TELA: A TRAJETÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA

Júlio Cezar Pereira de Assis

A ficção científica enquanto forma de manifestação literária sempre foi o instrumento adequado de escritores que buscavam discutir a relação do homem com a ciência e a tecnologia. Autores como Jules Verne e H.G. Wells fascinam ao transpor em palavras vislumbres de um futuro permeado por maravilhosas engenhocas voadoras e máquinas do tempo. Contemporâneos a esses escritores, os irmãos Lumière inovam na maneira como podemos captar o mundo com imagens em movimento por meio do cinema. Na medida em que essa manifestação artística progride, não há limites para a imaginação e, com isso, a ficção científica torna-se o gênero preferido de certos diretores para inovar, tanto do ponto de vista estético quanto temático, e materializar na tela os medos e questionamentos do homem diante do futuro. O minicurso tem como proposta traçar uma cronologia da Ficção científica enquanto manifestação cinematográfica, baseando em alguns pontos fulcrais ao discutir o gênero: 1 – o que é a ficção científica? Quais são as suas principais características? Quais seriam as vertentes do gênero? 2 – Qual é a trajetória desse tipo de produção no cinema? Quando ela começa? Quais são os caminhos que ela trilha na contemporaneidade? De que forma a sociedade em suas respectivas épocas está sendo representada nas telas? Quais são os temas centrais? Quem são os grandes nomes da literatura que tiveram obras adaptadas como referência para a formatação do gênero? Quais são os diretores que conseguiram deixar uma marca dentro do gênero (John Carpenter, David Cronenberg; Ridley Scott; irmãos Wachowsky). Para ilustrar os pontos citados, o minicurso será marcado pelo debate e a

análise de cenas de vários momentos simbólicos da ficção científica, com ênfase em produções como *2001: uma odisseia no espaço* (seus signos visuais); *Alien* (em homenagem aos seus 40 anos); *Star Wars* e *Star Trek* (a construção de míticas que revolucionaram a cultura pop); *Matrix* (grande revolução do cinema que faz 20 anos); *Avatar* (e como o 3D mudou o cinema de entretenimento atual), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: ficção científica; cinema; artes; literatura.

CONTROLE DO CONHECIMENTO PELA INCINERAÇÃO DE LIVROS NOS “FAHRENHEIT 451”

Léa Evangelista Persicano (PPGEL – UFU)

Francisco de Assis Ferreira Melo (UFU)

O escritor norte-americano Ray Bradbury traz em seu livro de ficção científica “Fahrenheit 451”, publicado em 1953, uma discussão acerca do controle sobre o conhecimento livresco, em um futuro não distante de nossa época. Através do jogo entre a queima institucionalizada e a camuflagem de livros de forma clandestina, em uma ditadura do saber, esse conhecimento é ressignificado ao longo da narrativa. Esse processo pode ser percebido por intermédio da vida do personagem Montag (um bombeiro às avessas), cujo toque de consciência sobre seus atos vem pelas vozes femininas: da esposa, que o controla de acordo com o que o sistema político ditatorial pede e de outra mulher, Clarice, que o conhece no metrô e lhe desperta o sentimento de dúvida. Essa característica utópica/distópica se verifica em três suportes artísticos: o livro literário de Bradbury (1953), o primeiro filme (de 1966) adaptado desse livro e a segunda adaptação cinematográfica (realizada em 2018). Nesse minicurso, nosso objetivo consiste, então, pensar nessas questões, nos pontos de encontro e distanciamento entre tais objetos artísticos, nas transformações pelas quais Montag passa ao longo das três narrativas até chegar ao entendimento sobre o que vem a ser um homem-livro, também refletindo sobre os momentos históricos em que cada obra “fala de si”, relacionando-as com os aportes tecnológicos e científicos disponíveis em cada época.

PALAVRAS-CHAVE: Controle; Conhecimento; Ditadura; Ficção científica.